

brevíssimos cindes 36

Políticas industriais e agenda climática*

CINDES

Setembro de 2011

A articulação entre preocupações climáticas e de competitividade internacional está na origem das políticas industriais climáticas. Estas têm como foco central a dimensão de inovação e de investimentos, já que a ideia mesma de emergência e consolidação da economia verde é diretamente associada à transição entre modelos técnico-produtivos e, portanto, ao desenvolvimento e difusão de novas tecnologias.

Há duas dimensões a considerar, no que diz respeito às relações entre políticas climáticas e industriais. A primeira é inerente e necessária à consecução dos objetivos nacionais de redução de emissões pela indústria e de transição desta para um novo padrão produtivo e tecnológico. Trata-se do que aqui se denomina a dimensão de “reconversão industrial verde”. Embora inerente à lógica da mitigação climática, esta dimensão tem maior ou menor importância na agenda climática dos países de acordo com a participação do setor industrial no perfil das emissões das economias e, portanto, com o esforço de reconversão requerido da indústria.

* Este texto resume as principais conclusões da publicação Breves Cindes 55, Políticas industriais e agenda climática, disponível no site www.cindesbrasil.org

A segunda dimensão da relação entre políticas climáticas e políticas industriais e de inovação não é, ao contrário da primeira, uma consequência necessária e automática dos objetivos nacionais de redução de emissões industriais.

Políticas de inovação verde e de diversificação produtiva em direção a setores industriais verdes – juntas ou separadamente – só se integram à agenda de mitigação quando impulsionadas por uma lógica exógena à climática, como a da competitividade internacional, a da segurança energética ou alimentar, etc. Se novas tecnologias serão necessárias e se, a partir delas, se desenvolverão novos setores industriais voltados à produção de bens verdes, abre-se um espaço para a competição internacional em torno ao atendimento a esta necessidade global. Quem desenvolverá as novas tecnologias e produzirá os bens que as incorporam e que serão potencialmente requeridos por todos os países com setores industriais envolvidos em esforços de mitigação?

Há, portanto, nas relações entre políticas climáticas e industriais nacionais uma dimensão de reconversão e outra de inovação e diversificação em direção a novos setores produtores de bens (desta vez ao longo de um vetor de tecnologias, processos e produtos verdes).

Como resposta à crise econômica de 2008, diversos países adotaram, em seus pacotes de estímulo, um conjunto de medidas especificamente voltadas para o *greening* da economia ao longo do processo de recuperação. Os pacotes de estímulos anunciados por China e Coréia do Sul foram seguramente os que continham o maior componente de políticas verdes, embora medidas de incentivo de conteúdo semelhante tenham sido adotadas também nos EUA e em diversos países europeus.

Mais além das medidas adotadas em resposta à crise, no entanto, em diferentes países tem-se desenvolvido o que aqui se denominou uma política industrial climática. Tais políticas são geradas a partir da interseção entre preocupações climáticas e de competitividade (e, em vários casos, também de segurança energética), mas podem ter objetivos diferentes e recorrer a instrumentos bastante heterogêneos, segundo os contextos institucionais e econômicos nacionais.